



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

EVELLY SANTOS PALHANO

**MOTIV (AÇÃO): UM ESTUDO DE CASO COM UMA TURMA DO 8º PERÍODO EM
PEDAGOGIA NA UEPB**

**CAMPINA GRANDE- PB
2019**

EVELLY SANTOS PALHANO

**MOTIV (AÇÃO): UM ESTUDO DE CASO COM UMA TURMA DO 8º PERÍODO EM
PEDAGOGIA NA UEPB**

Monografia apresentada ao Departamento do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Profa. Ms. Kátia Farias Antero

**CAMPINA GRANDE- PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P161e Palhano, Evely Santos.
Motiv (ação): [manuscrito] : Um estudo de caso com uma turma do 8º período em Pedagogia na UEPB / Evely Santos Palhano. - 2019.
52 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Me. Kátia Farias Antero, Departamento de Educação - CEDUC."
1. Autoestima . 2. Ensino aprendizagem. 3. Motivação no ensino. 4. Motivação na aprendizagem. I. Título
21. ed. CDD 370

EVELLY SANTOS PALHANO

**MOTIV (AÇÃO): UM ESTUDO DE CASO COM UMA TURMA DO 8º DO PERÍODO
EM PEDAGOGIA NA UEPB**

Monografia apresentada ao Departamento do
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Aprovada em: 23/09/2019.

BANCA EXAMINADORA

Kátia Farias Antero

Profa. Ms. Kátia Farias Antero (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Wanderléia Farias Santos

Profa. Dra. Wanderléia Farias Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Tatiana Cristina Vasconcelos

Profa. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, irmãos e a toda família pela
dedicação, companheirismo e amizade,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter proporcionado em minha vida a oportunidade de cursar Pedagogia, desde a escolha do curso a todo o processo de ensino e aprendizagem que vivenciei. Além disso, sou enormemente grata pela sua magnífica presença em todos os momentos difíceis. O seu amor e companhia me fizeram chegar até onde cheguei, sem ELE nada teria sido possível.

À minha mãe, Valdênia, pelo seu cuidado e amor, principalmente, sua compreensão e apoio para comigo.

À minha família, que me ajudou a manter esse sonho vivo e a perseverar. Destaco minha avó materna, Dona Ivone, e meu tio Valdez, os quais sempre me incentivaram.

Agradeço, também, aos meus verdadeiros amigos, Victor e Rárami, por estarem sempre ao meu lado. E aos amigos da Academia, que contribuíram na minha formação. À amiga Maria da Piedade, por todas as experiências que tivemos juntas e por fazer parte dessa etapa. À minha querida turma, por terem colaborado com a concretização desse trabalho.

Aos meus professores, pelo conhecimento obtido. À banca examinadora, pela disponibilidade e compromisso em avaliar o meu trabalho.

E, por fim, à minha orientadora, Prof. Ms. Kátia Farias Antero, pela dedicação e responsabilidade. Muito além de uma professora e orientadora, foi uma motivadora, acreditou em mim, se fez amiga, cuidou, ensinou, ajudou. Sou eternamente grata e levarei seus ensinamentos durante toda minha vida.

“Vivia a arte da motivação. Conseguia erguer os olhos e ver as flores antes que as sementes tivessem brotado, antes do cair das primeiras chuvas”.

- Augusto Cury (O mestre da sensibilidade)

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma monografia sobre a influência da motivação e da autoestima no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que estão imbricadas uma a outra, e são essenciais no ensino e aprendizado. Desse modo, temos como objetivo geral: investigar como o professor pode influenciar positivamente a motivação de seus alunos durante o processo de ensino/aprendizagem; e como objetivos específicos: compreender a motivação como fator de influência no processo de ensino/aprendizagem; verificar a influência da prática pedagógica na motivação dos alunos; e analisar como a autoestima do docente e do discente contribui para o processo de ensino/aprendizagem. O processo metodológico constitui-se por meio da observação realizada no ambiente de ensino superior, mais especificamente durante o curso de Pedagogia, leituras bibliográficas, tais como: Tapia e Fita (2015); Avelar (2015); Gadotti (2011); entre outros. Utilizamos como pesquisa qualitativa o estudo de caso, o qual foi realizado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), tendo como público alvo uma turma do curso de Pedagogia, constituída por 17 alunas, com investigação através da aplicação de um questionário com 8 questões abertas. A partir dos resultados e discussões salientamos que o processo de ensino-aprendizagem depende principalmente da motivação dos alunos, e dos professores, não se pode desvincular essa forte relação entre o que o motiva a ensinar e a aprender, de como isso é realizado na prática. A prática do docente reflete suas motivações internas e/ou externas, sendo que tal prática tem como consequência a influência na motivação de seus próprios alunos, o que importa é fazer dessa prática motivadora, construtiva e significativa.

Palavras-chave: Motivação; Ensino; Aprendizagem; Autoestima.

ABSTRACT

This paper consists of a monograph about the influence of motivation and self-esteem on the teaching-learning process, since they are intertwined with each other and are essential in teaching and learning. Thus, as general objective: to investigate how the teacher can positively influence over the motivation of his students along the teaching/learning process; and as specific objectives: to comprehend that motivation as an influence factor in the teaching / learning process; to verify the influence of pedagogical practice on student motivation; and analyze how teacher and student self-esteem contribute to the teaching / learning process. The methodological process is constituted by the observation made in the university education environment, more specifically during the Pedagogy course, bibliographic readings, such as: Tapia e Fita (2015); Avelar (2015); Gadotti (2011); among others. We used study case as qualitative research, which was developed at State University of Paraiba (UEPB), targeting one class of Pedagogy course, consisting of 17 students, researched by the application of a questionnaire with 8 open questions. From the results and discussions we emphasize that the teaching-learning process depends mainly on the motivation of the students, and the teachers, it is not possible to unlink this strong relationship between what motivates him to teach and learn, and how this is done in practice. The teacher's practice reflects his internal and / or external motivations, and such a practice has the influence on the motivation of his own students, what matters is to make this practice motivating, constructive and meaningful.

Keywords: Motivation; Teaching; Learning; Self esteem.

QUADROS

Quadro 1-	Motivação e processo de ensino – aprendizado	27
Quadro 2-	Discursos sobre a motivação e desmotivação	27
Quadro 3-	Motivação para aprender	28
Quadro 4-	Ambiente da sala de aula	29
Quadro 5-	Discursos sobre o ambiente da sala de aula	29
Quadro 6-	Práticas pedagógicas docentes	30
Quadro 7-	A importância da motivação para o processo de ensino e aprendizagem	31
Quadro 8-	Influência da interação na motivação para aprender	31
Quadro 9-	A autoestima e baixo autoestima no processo de aprendizado	32
Quadro 10-	Discursos sobre a autoestima e baixo autoestima	32
Quadro 11-	Fatores que influenciam na autoestima para aprender	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CAPÍTULO I- REFLEXÕES SOBRE A DIALÉTICA ENTRE MOTIVAÇÃO E ALUNO.....	13
3 CAPÍTULO II- A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR MOTIVADOR	21
4 CAPÍTULO III- A IMPORTÂNCIA DA AUTOESTIMA PARA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZADO.....	29
5 CAPÍTULO IV - METODOLOGIA	33
6 CAPÍTULO V - RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICES	50

INTRODUÇÃO

O ensino/aprendizagem na contemporaneidade é reflexo histórico, político, cultural e social da concepção de educação que é adotada pelo sistema educacional. Cabe refletir acerca da prática docente no dia a dia, e reconhecer a motivação e/ou desmotivação como fator influenciador no processo de ensino/aprendizagem. O desinteresse do aluno, assim como a ausência de motivação dos alunos em aprender no contexto escolar, contribui para entendermos o quanto ela se faz necessária e importante para o processo de ensino-aprendizagem. A prática docente também é considerada como um fator preponderante para que o aluno tenha autoestima elevada tornando-se, um sujeito motivado a aprender.

Diante das dificuldades enfrentadas pelo professor em sala de aula, muitas delas atreladas às condições de trabalho, que, por vezes, promovem um ambiente desfavorável para que o aluno exerça seu papel como interessado e motivado em aprender, provoca questionamentos e reflexões sobre a prática desse profissional em sala de aula. Dessa forma, entende-se a importância e a necessidade de discutir a prática pedagógica, de modo que possibilite ao docente avaliar sua prática considerando, cada vez mais, os fatores motivacionais. Além disso, quando o professor se avalia enquanto profissional, propicia a reflexão sobre sua prática pedagógica em seu cotidiano escolar.

O docente, assim como os demais agentes influenciadores pode motivar o aluno durante a aprendizagem, considerando suas especificidades e variáveis pessoais. É nesse sentido que a motivação se faz necessária, devemos incentivá-la não apenas na escola, mas em todos os espaços educacionais em que o indivíduo esteja inserido. Nessa perspectiva, as relações estabelecidas entre os sujeitos em todos os espaços contribuem para a motivação ou desmotivação, o que incide também no processo de ensino-aprendizagem.

A prática docente, seja ela na escola ou na universidade, exige do professor estar atento a aprendizagem de seus alunos, motivando-os a aprender, tendo a relação entre ambos como um dos pontos primordiais, permitindo aproximação recíproca. Nesse sentido, muitas vezes, há um distanciamento dos docentes para com os alunos, dificultando o diálogo e um processo de ensino aprendizagem com mais qualidade. Ações como essas costumam ocorrer não apenas no ensino básico, mas no ensino superior também. Os professores precisam mudar sua postura e observar o aluno como um sujeito múltiplo.

A complexidade da prática pedagógica pode ser vista quando o professor se ausenta de seu papel de motivador, desconhecendo o aluno nos demais aspectos enquanto ser humano. É necessário haver interesse, principalmente do professor, haja vista que este é o responsável

pelo processo de ensino-aprendizagem baseado na afetividade, sendo assim um dos pontos de partida para que seja instigada a motivação.

A justificativa desse trabalho se dá mediante às observações no ensino básico, bem como por incomodações pessoais que surgiram ao longo do curso de Pedagogia, com reflexões voltadas para a relação entre a prática pedagógica e a subjetividade do ser humano.

A problemática que instigou nossa pesquisa circunda a respeito de: como a motivação influencia o processo de ensino/aprendizagem? Na busca de encontrar possíveis respostas para essa questão, acreditamos que a prática pedagógica pode favorecer ou não o ambiente de aprendizagem, e permite que o aluno seja motivado ou desmotivado, quando o aluno é motivado o ensino/aprendizagem flui de maneira satisfatória. Além disso, a autoestima do aluno e do professor pode favorecer o processo de ensino/aprendizagem.

Este trabalho tem como objetivo geral investigar como o professor pode influenciar positivamente a motivação de seus alunos durante o processo de ensino/aprendizagem. Como objetivos específicos, pretendemos: compreender a motivação como fator de influência no processo de ensino/aprendizagem; verificar a influência da prática pedagógica na motivação dos alunos; e analisar como a autoestima do docente e do discente contribui para o processo de ensino/aprendizagem.

O processo metodológico constitui-se por meio da observação realizada no ambiente de ensino superior, mais especificamente no curso de Pedagogia, leituras de autores como: Tapia e Fita (2015), Avelar (2015), Gadotti (2011), entre outros e as análises da prática docente, tendo em vista a influência da motivação e da autoestima do aluno e do professor no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa foi realizada na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), tendo como público alvo uma turma do curso de Pedagogia, constituída por 17 alunas.

O trabalho está organizado em três capítulos de fundamentação teórica, um capítulo metodológico e um capítulo com análises e discussões dos resultados obtidos. O primeiro capítulo, intitulado: “Reflexões sobre a dialética entre motivação e aluno”, discorre sobre a relação entre a motivação e o aluno, visto sua importância para o aprendizado, e apresenta os dois tipos de motivação, intrínseca e extrínseca. O segundo capítulo aborda “A prática pedagógica do professor motivador” discute a importância da prática pedagógica motivadora, a qual exige que o professor também seja um motivador, que estimule o aluno no processo de ensino-aprendizagem. O terceiro refere-se “A importância da autoestima para motivação no processo de aprendizado” e destaca o que é autoestima e como ela é fundamental para o aprendizado do aluno.

Este trabalho tem como público os docentes, estudantes e profissionais do campo educacional, pois aborda um tema que dialoga com a realidade, além de refletir e discutir uma problemática da atualidade. O professor promove mudanças importantes no campo educacional, atuando na sociedade como um sujeito ativo e transformador, seja dentro ou fora da sala de aula.

CAPITULO I

REFLEXÕES SOBRE A DIALÉTICA ENTRE MOTIVAÇÃO E ALUNO

Quando o aluno é inserido em diferentes contextos poderá ser motivado ou desmotivado a aprender, ou seja, o contexto favorece ou não a motivação para aprender. É notório que o aluno se sinta instigado, impulsionado e que desperte o interesse pelo aprendizado através daquilo que lhe motiva. A motivação é um fator que contribui para aprendizagem do aluno. Geralmente, são observados na sala de aula alunos que, pela falta/ausência da motivação, têm aprendizagens comprometidas, em outras palavras, alunos que demonstram “desinteresse” no aprendizado.

Para que haja motivação, é necessário estar atento de que tipo de aprendizagem e de que contexto o aluno faz parte. Com isso, é importante compreender o que é aprender. Conforme Gadotti (2011, p. 59-60), “aprender vem de “*ad*” (junto de alguém ou algo) e “*praehendere*” (tentar prender, agarrar, pegar)”. Desse modo, o ato de aprender origina-se quando o aluno é inserido no processo de aprendizagem. Desde seu nascimento, estar em contato com o mundo, o qual lhe proporciona inúmeras situações para sua vivência. Para haver aprendizagem, é necessário a relação com o outro, ou não. Porém, exige-se a relação do sujeito com o objeto de conhecimento, seja diretamente ou indiretamente, tendo como finalidade apreendê-lo. Ainda segundo o autor, é importante aprender com emoção, isto é,

Aprender não é acumular conhecimentos. Aprendemos história não para acumular conhecimentos, datas, informações, mas para saber como os seres humanos fizeram a história para fazermos história. *O importante é aprender a pensar* (a realidade, não pensamentos), aprender a aprender (GADOTTI, 2011, p. 61).

Nesse sentido, aprender com emoção requer repensar o ato de aprender, pois, não pode ser visto como algo qualquer. É motivando o aluno nesse processo que se permite que esse sujeito estabeleça uma relação com aquilo que aprende, de maneira que suas emoções sejam envolvidas. Isso implica olhar para o aluno como um ser humano, que de fato ele é, vendo-o em sua subjetividade, particularidades que influenciam no processo de ensino-aprendizagem.

Não devemos desconsiderar que “toda a mobilização cognitiva que a aprendizagem requer deve nascer de um interesse, de uma necessidade de saber, de um querer alcançar determinadas metas” (TAPIA E FITA, 2015, p. 68).

A partir da aprendizagem significativa, os alunos são motivados, e a aprendizagem flui com mais êxito. De acordo com os autores, a aprendizagem significativa

É a aprendizagem na qual o aluno, a partir do que sabe e graças à maneira como o professor apresenta a nova informação, reorganiza seu conhecimento do mundo ao encontrar novas dimensões, transfere esse conhecimento a outras situações ou realidades, descobre o princípio e os processos que o explicam e, portanto, melhora sua capacidade de organização abrangente para outras experiências, ideias, fatos, valores e processos de pensamento que adquirirá dentro ou fora da escola (TAPIA e FITA, 2015, p. 73).

Dessa forma, para motivar os alunos aprenderem de forma significativa, é necessário considerar alguns aspectos que: como ver no aluno um sujeito influenciado por vários fatores externos e internos e transfere o que sente para as atividades que realiza; saber aproveitar determinados recursos transitórios e os diferentes contextos (TAPIA; FITA, 2015, p. 9). Ao motivar o aluno para que aprenda é preciso promover ambientes em que a aprendizagem aconteça, considerando diferentes aspectos que a influenciam.

Dentre esses ambientes, aponta-se o educacional, caracterizado como um dos principais, uma vez que a maior parte do tempo que o aluno dispõe está na escola, na qual vivencia diferentes situações de aprendizagem. Nessa perspectiva, de acordo com Silva (2014, p. 19), “no ambiente escolar o objetivo maior é a aprendizagem onde o aluno tenha a motivação para descobrir o verdadeiro sentido da vivência escolar, aprendendo numa relação comum e mútua entre docente, os conhecimentos ali apresentados”. Portanto, é através do que o aluno vivencia nesse e nos demais ambientes que a motivação é incentivada ou desestimulada.

Para melhor entendermos como se dá essa relação entre a motivação e o aluno, necessitamos compreender o que é motivação, os seus tipos, bem como, os condicionantes pessoais e contextuais que influenciam na motivação para aprendizagem.

Segundo Tapia e Fita (2015, p. 77), “A motivação é um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo”. A partir disso, compreendemos que a motivação consiste em diferentes fatores que estimulam a

conduta do indivíduo, e a direciona para alcançar determinado objetivo. Além disso, todo ser humano apresenta determinada conduta, estando motivado ou desmotivado, sendo esta determinante para que sejam atingido os objetivos almejados no processo de ensino-aprendizagem.

Impulsionar alguém a realizar determinada atividade, a fim de que alcance tal objetivo, só é possível por meio da motivação. “A motivação, ou motivo, é aquilo que move uma pessoa ou põe em ação ou a faz mudar de curso, a motivação tem sido entendida ora como um fator psicológico, ou conjunto de fatores, ora como um processo” (BZUNECK, 2009, p. 9). Ser movido a algo não é tão simples assim, visto que, muitas vezes, o indivíduo não sente-se motivado, até o próprio ambiente que ele está inserido não colabora para que haja motivação.

Outro autor que conceitua a palavra motivação é Piletti (2013), que afirma:

Motivar significa predispor o indivíduo para certo comportamento desejável naquele momento. O aluno está motivado para aprender quando está disposto a iniciar e continuar o processo de aprendizagem, quando está interessado em aprender determinado assunto, em resolver um dado problema (PILETTI, 2013, p. 32).

Ao longo do processo de aprendizagem, ao se sentir motivado, torna-se visível que o aluno não só terá vontade de iniciar a aprendizagem, mas também de permanecer nela, pois há um interesse em aprender aquilo que instiga a curiosidade, ao desconhecido. Contudo, o meio em que o sujeito se encontra pode estimular esse interesse ou não, bem como, fazer com que o aluno se motive e continue motivado.

Há duas motivações que influenciam o ser humano, as quais merecem serem descritas, pois, tanto uma, quanto a outra, estão diretamente relacionadas com o ensino e a aprendizagem. Segundo muitos autores, existem dois tipos de motivação: a interna, denominada intrínseca, e a externa, denominada extrínseca. A primeira diz respeito a necessidades e fatores do próprio indivíduo, enquanto, a segunda refere-se aos fatores contextuais, ou seja, do meio externo em que o indivíduo está inserido. Aplicados esses dois tipos de motivação ao contexto escolar, conforme Avelar (2015), é notório o contraste entre uma e outra. No que tange à motivação intrínseca, a autora afirma:

A motivação intrínseca tem origem nas necessidades e fatores internos ao indivíduo em sua autonomia. Neste tipo de motivação, não há necessidades de existir recompensas, visto que a tarefa em si própria representa um interesse para o sujeito,

algo que ele gosta ou está relacionado com a forma de ele ser (AVELAR, 2015, p. 86).

Com base nessa afirmação, consideramos que quando o aluno estiver internamente motivado, sua aprendizagem ocorrerá através do seu próprio desejo, vontade para aprender, o objeto de conhecimento lhe desperta interesse. Neste tipo de motivação não é necessário que ele seja recompensado, até porque ele motiva-se por prazer, em outras palavras, o processo de aprendizagem o satisfaz.

Ainda de acordo com essa mesma autora, é evidente o que é a motivação extrínseca, na qual destaca:

A motivação extrínseca tem como origem fatores externos ao indivíduo, um exemplo é de um aluno que faz sua tarefa ou prova para ser recompensado ou para não ser castigado. A punição ou a nota seria uma recompensa é o combustível que fez mobilizar o aluno (AVELAR, 2015, p. 88).

Na motivação externa é o ambiente externo que influencia a motivação do sujeito, o qual não dispõe de uma vontade ou realização de uma necessidade pessoal, e geralmente por saber que tal atividade terá recompensa isso lhe motiva, ou o medo de ser repreendido pela não realização da atividade, impulsionando-o mediante algum fator externo, não é propriamente voluntário.

Portanto, surge a seguinte pergunta: de que forma a motivação contribui para a aprendizagem? De muitas formas, uma delas é no desempenho escolar do aluno, inclusive sua ausência deixa muitas lacunas na vida do aluno. A partir da motivação, tanto intrínseca, quanto extrínseca, as necessidades de aprendizagem dos alunos podem ser garantidas. A esse respeito, Boruchovitchi e Bzuneck (2009) frisam que:

A motivação tornou-se um problema de ponta em educação pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem. Alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco (BORUCHOVITCHI e BZUNECK, 2009, p. 13).

Como o aluno desmotivado pode querer estudar, se não recebe essa motivação na própria sala de aula? Nesse sentido, a aprendizagem torna-se um momento de desprazer, desinteressante, que não lhe estimula absolutamente nada, vendo assim na aprendizagem uma

atividade sem sentido. Não devemos desconsiderar a relevância da motivação, pois, ela é essencial para aprendizagem. Avelar (2015) compreende que:

a motivação está relacionada diretamente ao aprendizado. Porém, para que esse aprendizado aconteça é necessário que o aluno receba estímulos. Esses estímulos podem ser de fatores externos (extrínseco) que estão ligados a interação, e internos ou direito (intrínseco) ligados ao cognitivo. Então, entende-se que a aprendizagem depende de motivos internos e externos, isto quer dizer que, sem estes ela não acontece (AVELAR, 2015, p. 84-85).

Para haver aprendizagem, se faz necessário que o aluno tenha tanto motivos internos, quanto externos, para que esse processo de fato aconteça.

Um dos pontos fundamentais para entender como os condicionantes pessoais influenciam na motivação para aprendizagem do aluno é observar o comportamento do aluno, visto que cada um apresenta comportamentos específicos, mediante cada contexto, tendo características particulares. Por exemplo, há alunos que são motivados em situações de competição, quando o professor recompensa-o na frente dos colegas de sala. Porém, têm outros que não gostam desse tipo de situação. Há, também, aqueles que preferem fazer trabalhos em grupo, enquanto, outros preferem fazer individualmente (TAPIA e FITA, 2015, p. 18-19).

Os alunos também agem de acordo com diferentes objetivos no tocante à aprendizagem, em que seus comportamentos variam em cada objetivo estabelecido. Há alunos que aprendem algo que faça sentido e se satisfazem realizando a atividade; outros fazem-na para preservar sua imagem diante de si próprio e dos outros; já outros só realizam-na para obter uma nota, para evitar problemas; e por fim, há aqueles que a fazem com o intuito de ter a atenção e a aceitação de quem o rodeia, seja o professor, colega, pais, etc (TAPIA e FITA, 2015, p. 19-20).

É explícito que cada comportamento se difere de acordo com cada objetivo de aprendizagem, ou seja, o sujeito apresenta determinado tipo de comportamento, seja positivo ou negativo, em decorrência daquilo que o motiva, pois, de algum modo, cada objetivo implica na aprendizagem do aluno.

Em muitas atividades, o aluno pode ser motivado ou desmotivado, principalmente aquela que motiva o aluno por atrair o interesse dele, e por ser uma atividade que depende também do próprio contexto, o qual estimula. Quanto às atividades que levam o aluno a ser recompensado ao realizá-las, de certa forma, esse tipo de atividade contribui para que a

motivação intrínseca seja desmotivada, pois, o aluno motiva-se em função daquilo que será recompensado. Diante disso, Engelmann (2010) aponta que:

Uma observação importante neste aspecto é que as pessoas podem se manifestar como intrinsecamente motivadas para certas atividades enquanto que para outras não. Além disso, nem toda pessoa é motivada intrinsecamente para qualquer tarefa específica, significando assim que os indivíduos estabelecem uma relação com a tarefa ou atividade em si. Isto significa que o envolvimento intrínseco não é a manifestação de um traço de personalidade e, sim, um estado vulnerável a condições sócio-ambientais (ENGELMANN, 2010, p. 46).

Dessa forma, é possível afirmar que a motivação intrínseca é uma ação subjetiva, pois, o que para um aluno pode ser motivador, para outro pode não ser. Para algumas pessoas estarem motivadas, é preciso que estabeleçam uma relação com aquilo que estão aprendendo, sendo que a motivação intrínseca não se refere a personalidade do sujeito, se refere a vulnerabilidade do indivíduo quanto ao meio social e ambiental.

Conforme Adar (1975) *apud* TAPIA e FITA 2015, p. 120), “existem quatro motivos ou necessidades que dirigem os alunos em sua aprendizagem: Satisfazer sua própria curiosidade; Cumprir as obrigações; Relacionar-se com os demais; e Obter êxito”. Nessa perspectiva, entende -se que para cada aluno, esses motivos ou necessidades variam, as quais podem ser mais ou menos frequentes (TAPIA e FITA, 2015, p. 120). Isso permite-nos compreender os tipos de alunos que podem ser classificados, e faz com que o professor entenda cada aluno através daquilo que o motiva. Considerando os motivos particulares de cada aluno, torna-se possível conhecer mais o aluno e influenciar positivamente na motivação.

É notório que cada aluno apresenta características diferenciadas. Por exemplo, o aluno curioso é motivado pela curiosidade em aprender aquilo que é novo, isso o satisfaz; o aluno consciencioso tem vontade de fazer algo para o bem, e evitar o que é mal, necessita de fatores externos para ser motivado, e baixo autoestima (demonstra culpa ao não conseguir realizar determinado feito, bem como, não confia em si mesmo); o aluno sociável apresenta características como a necessidade de ter um bom relacionamento com os colegas, mostra-se disposto a ajudar e não teme ao errar; o aluno que busca o êxito é um aluno que gosta de competir, para obter êxito e ser elogiado pelo professor e colegas (ADAR, 1975, *apud* TAPIA e FITA, 2015, p. 121).

Embora haja diferentes tipos de alunos com diferentes características, tais características podem ser apresentadas em outros tipos de alunos também, sendo assim, suas motivações serão diferenciadas ou comuns para os diferentes tipos de alunos.

Conhecer mais os alunos permite ao professor utilizar, na sua prática pedagógica, diferentes estratégias para motivá-los, de modo que, para cada aluno, haja estratégia de ensino-aprendizagem que se diferencie de acordo com a necessidade.

No ambiente escolar é primordial o docente observar os tipos de alunos que compõem a sala, suas características e os motivos que os fazem aprender, ou seja, suas motivações. Para Stipek (*apud* BZUNECK, 2009),

Existem alunos que parecem estar muito atentos em classe, quando sua mente está realmente ocupada com assuntos totalmente estranhos. Certos comportamentos desejáveis na sala de aula e até um desempenho escolar satisfatório podem mascarar sérios problemas motivacionais, enquanto que um mau rendimento em classe pode, às vezes, não ser causado simplesmente por falta de esforço, ou seja, por desmotivação (STIPEK *apud* BZUNECK, 2009, p. 14).

A esse respeito, é importante salientar que, muitas vezes, quando o aluno não apresenta um bom desempenho nas aulas, pode esconder a falta de uma motivação, respectivamente, positiva, assim como quando o aluno não apresenta um bom desempenho nas aulas e seja decorrência de outros problemas que não tem relação com a falta de motivação. Por isso, mais uma vez, ressaltamos a necessidade do docente atentar para seus alunos e sua prática pedagógica.

Seja em que ambiente o indivíduo esteja, afeta a motivação para aprendizagem. Por exemplo, na sala de aula, é o professor que deve proporcionar um ambiente que contribua com a aprendizagem do aluno, fazendo com que este se sinta motivado a aprender. Age como elemento influenciador nesse processo tudo aquilo que é posto nesse ambiente e que, de alguma maneira, influencia nas condições físicas dos sujeitos e metodológicas do professor. Nesse sentido, o ambiente escolar pode ser um motivador ou desmotivador da aprendizagem. Segundo Avelar (2015):

A aprendizagem escolar é um processo de assimilação de determinados conhecimentos na ação física e mental, organizados e orientados no processo de ensino. Os resultados da aprendizagem se manifestam em modificações na atividade externa e interna do sujeito nas suas relações com o ambiente físico e social (AVELAR, 2015, p. 81).

Reconhecendo o ambiente escolar como um dos principais que motivam ou não os alunos, e conseqüentemente contribuem para a aprendizagem ou não, outro importante ambiente é o familiar, o qual é primeiramente aquele em que o indivíduo tem maior contato, facilitando ou não a motivação. É fundamental que cada instituição social, a qual contribui para formação do sujeito, assuma seu papel, de modo que possa contribuir na motivação para aprendizagem. Sendo assim,

é relevante destacar que a escola não tem condições de suprir todas as carências existentes na formação educacional e cultural dos seus alunos, compreendendo que o papel da família também é imprescindível no processo ensino-aprendizagem (SILVA, 2014, p. 24).

Dentre os fatores que incidem na motivação e no aprendizado no contexto de sala de aula, de acordo com os condicionantes contextuais, estão: a maneira como o docente inicia a aula (se estimula a curiosidade e o interesse); como os conteúdos são abordados e como as atividades são organizadas; a interação dos alunos; a interação do professor com os alunos (antes de iniciar uma atividade, durante e no final); e avaliação da aprendizagem (TAPIA e FITA, 2015, p 38-58).

Compreendemos que a motivação depende do aluno, mas também do contexto. Com isso, é importante e necessário o professor avaliar sua prática e suscitar mudanças para que se promova um ambiente motivador, e que os objetivos de ensino-aprendizagem sejam alcançados. “Dentro da escola, encontramos, entre outros quatro fatores que afetam a aprendizagem: O professor, a relação entre os alunos, os métodos de ensino e o ambiente” (PILETTI, 2013, p. 46).

CAPITULO II

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR MOTIVADOR

É na prática pedagógica que o professor exerce seu papel de motivador. Nessa prática cabe realizar um trabalho movido pelo prazer de ser professor, possibilitar momentos prazerosos e ricos na troca de conhecimentos entre ele e o aluno.

Apesar da desvalorização da profissão, seja em decorrência das péssimas condições de trabalho, do baixo salário, ou do desrespeito que sofrem em sala de aula, é perceptível que muitos docentes têm se desmotivado em sua profissão. Embora muitos tenham iniciado sua prática com entusiasmo, motivação e encantamento, ao longo dos anos ensinando, de alguma forma se desmotivou, e conseqüentemente isso é transmitido para os alunos. Urgente se faz um repensar sobre a valorização docente, e haja a aplicabilidade do princípio de alteridade¹, mesmo sendo difícil compreender as peculiaridades dessa profissão.

¹ Princípio da alteridade: Segundo o site Lado Direito (2014) diz respeito a uma ordem que afirma nenhum indivíduo pode sofrer algum dano jurídico pelo fato de fazer mal si mesmo, em outras palavras, refere-se que as ações de uma pessoa para serem punidas legalmente devem influir juridicamente no outro.

Em todas as profissões são apresentados pontos negativos, sempre tem algo a ser melhorado. No entanto, cabe refletir sobre a docência que vem apresentando dificuldades que se diferenciam, de acordo com cada contexto histórico, social e educacional. Como cada contexto exige do docente uma prática que corresponda a necessidade atual, é preciso que o professor procure se atualizar, proporcionando uma prática pedagógica motivadora. De acordo com esse pensamento, Tapia e Fita (2015) afirmam que:

Portanto é urgente valorizar o ofício de professor. O governo, as escolas e os próprios professores devem considerar isso o objetivo primordial. Caso contrário, encontraremos professores cada vez mais desmotivados que não serão psicologicamente capazes sequer de abordar o problema da motivação de seus alunos (TAPIA e FITA, 2015, p. 90).

Os autores deixam explícito quanto é emergente olhar o docente e suas necessidades de modo que antes de vê-lo como profissional, veja-o como pessoa, a saber que a desvalorização profissional atinge na formação do ser humano. Independentemente do segmento que ele atue, o professor tem um papel crucial para que o processo de ensino aprendizagem aconteça com êxito.

Em resumo, poderíamos dizer que professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador e, sobretudo, um **organizador da aprendizagem**. Se falamos do professor de adultos e do professor de cursos a distância, esses papéis são ainda mais relevantes. De nada adiantará ensinar, se os alunos não conseguirem organizar o seu trabalho, não forem sujeitos ativos da aprendizagem, autodisciplinados, motivados (GADOTTI, 2011, p. 25).

Nesse sentido, a falta de um professor motivador impede que a sala de aula seja um ambiente instigante, que estimule os alunos a aprender, e ensinar juntos, aluno e professor. Conforme afirma Paulo Freire (2002, p. 12), “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. É desse modo que consideramos: “Se um professor não está motivado, se não exerce de forma satisfatória sua profissão, é muito difícil que seja capaz de comunicar a seus alunos entusiasmo, interesse pelas tarefas escolares; é, definitivamente, muito difícil que seja capaz de motivá-los” (TAPIA e FITA, 2015, p. 88).

No entanto, há muitas lacunas na formação do docente, desde a academia, quando tem acesso aos conhecimentos específicos de sua profissão com base nas contribuições teóricas, até quando executa na prática. A formação do professor deve estar pautada na teoria e na

prática, e, sobretudo, na motivação. Nesse sentido, é preciso que conheça e reconheça o quanto motivar o outro é um elemento preponderante no ato do aprender, fazendo a diferença no sucesso do outro.

Uma das maneiras de motivar esse professor é fazendo-o se sentir atraído pela sua prática, e que seja motivado pelo ambiente educacional. A formação continuada pode estimulá-lo, bem como sua sala de aula, seus alunos, a equipe escolar, entre outros. De nada adianta investir na escola, nos materiais, sem que haja um olhar específico para o humano. O professor que se sente valorizado enquanto humano, conseqüentemente, é um motivador no cotidiano e isso resulta em um clima de aprendizagem favorável ao aluno, que acaba sendo convidado a se motivar também nesse processo, alcançados assim, os objetivos traçados inicialmente. Dessa forma, é fundamental um professor motivador, isso motiva o aluno. Fazer da prática pedagógica uma constante motivação, configura o ensino-aprendizagem adequadamente e atinge os objetivos educacionais.

O professor é um influenciador para o aluno, isso permite vê-lo enquanto profissional como um sujeito que, cotidianamente, tem seu comportamento e postura observados em sala de aula. Isso diz muito sobre quem é esse profissional, e conseqüentemente implica na motivação dos seus alunos. Nessa perspectiva, “a própria pessoa do professor pode ser uma fonte de motivação importantíssima” (TAPIA E FITA, 2015, p. 92).

O professor tem um papel extremamente importante na vida dos alunos, em sua formação, faz com que aprendam, desenvolvam e sejam sujeitos crítico-reflexivos. Segundo Avelar (2015, p. 81), “o professor deve orientar e estimular o seu aluno para conseguir sucesso no processo ensino aprendizagem. E também incentivá-lo para a busca de novos conhecimentos”.

Para o exercício de sua função, o professor precisa deixar explícito seus objetivos em sala, através do seu ensino. Através dele, é possível iniciar o processo de motivação. Por isso, a didática aplicada é tão importante, uma vez que “a tarefa principal do professor é garantir a unidade didática entre ensino e aprendizagem, por meio do processo de ensino” (LIBÂNEO, 2013, p. 86). Há duas funções que o professor deve exercer para que seus alunos sejam motivados:

A primeira é de caráter remediador, e que consiste na recuperação de alunos desmotivados ou em se reorientar alunos portadores de alguma forma de motivação distorcida, conforme tiverem sido diagnosticadas. A segunda função é preventiva e de caráter permanente, destinada a todos os alunos da classe, a cada série e ao longo

de todo o ano letivo, que é de implementar e de manter otimizada a motivação para aprender (BZUNECK, 2009, p. 24).

Essas duas funções esclarecem como o professor deve agir em sala de aula, com o objetivo de animar os alunos quanto ao que irão aprender, favorecendo a motivação. É preciso que ele também seja motivado, tendo como uma de suas funções quanto à aprendizagem de seus alunos, contribuir com a motivação deles. Não só no início do ano letivo, mas durante todo o processo, levando-os a se sentirem motivados ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

Ensinar não é uma tarefa fácil, visto que o professor tem que lidar com diferentes alunos, personalidades, comportamentos que mudam de pessoa para pessoa, trabalhando sob condições, muitas vezes, inadequadas, metodologias de ensino que não funcionam para todos os alunos, dentre vários outros fatores. Nesse sentido, o ensino é uma ação que exige do professor motivador criatividade, inovação, e principalmente ter gosto pela profissão. Desse modo, segundo Gadotti (2011), para ensinar são necessários dois fatores:

a) gostar de aprender, ter prazer em ensinar, como um jardineiro que cuida com emoção do seu jardim, de sua roça; b) amar o aprendente (criança, adolescente, adulto e idoso). Só aprendemos quando aquilo que aprendemos é “significativo” (Piaget) para nós e nos envolvemos profundamente no que aprendemos (GADOTTI, 2011, p. 70).

Ter gosto pela profissão prevê cuidado, dedicação e afeto, que transparece na prática pedagógica do professor, sendo que esta deve direcionar-se para a relação estabelecida entre ambos, com o intuito de que todos os alunos se envolvam, tendo como finalidade aprender e fazer dessa aprendizagem uma vivência prazerosa, e principalmente satisfatória. Tapia e Fita (2015, p. 92) enfatizam que “o tipo de relação que estabelecemos com os alunos pode gerar uma confiança e um aumento da atenção que são condições indispensáveis para a aprendizagem”. Uma relação afetivamente boa entre o docente e discente contribui para a motivação e para o ensino-aprendizagem, na qual pode-se dizer que:

O professor é aquele que, além de mediar o conhecimento estabelece com o aluno uma relação afetiva, traz consigo um modelo que o aluno quer se identificar, sendo às vezes tão forte o ponto de ambos poderem investir nessa relação, tanto o professor quanto o aluno. Essa relação harmoniosa, descontraída vai colaborar com aprendizagem do aluno de forma que ele vai entender melhor o conteúdo dado pelo

professor, suas dúvidas sanadas sem dificuldades. Assim haverá uma construção para um novo saber (AVELAR, 2015, p. 84).

A motivação do aluno na sala de aula depende da motivação do seu professor, no entanto, só há essa possibilidade a partir do momento que este último assume o compromisso com sua profissão, com a educação, ou seja, levar a sério sua prática pedagógica e desenvolvê-la com eficácia. De acordo com Bzuneck (2009),

Em qualquer situação, a motivação do aluno esbarra na motivação de seus professores. E para começar, a percepção de que é possível motivar todos os alunos nasce de um senso de compromisso pessoal com a educação; mais ainda, de um entusiasmo e até de uma paixão pelo seu trabalho (BZUNECK, 2009, p. 28).

Com relação ao trabalho do docente na sala de aula, se faz necessário que sua prática pedagógica contribua com a motivação dos alunos. Ele deve considerar na docência a pedagogia do erro, a qual ressalta que o erro faz parte do processo de ensino-aprendizagem, e implica na motivação dos alunos, não cabendo vê-lo como algo negativo, pois todos estão suscetíveis a errar, sendo assim, tanto o professor, quanto o aluno tem papéis importantes para a motivação e aprendizagem. Dessa forma, o erro é visto pelo professor como uma maneira de diagnosticar os alunos no que tange suas dificuldades na aprendizagem, e possibilita ao professor trabalhar em cima delas para que o aluno as supere. Por meio do erro, o aluno pode se envolver mais. Por exemplo, ao ver o que errou numa atividade, é possível que ele entenda que o erro mostra o que precisa melhorar, ou não fazer, e seja motivado ao se deparar com uma situação de dificuldade, motivando-se a superá-la.

Em contrapartida, alguns professores veem o erro como algo que define o aluno e que não pode jamais ser permitido, o que provoca uma visão errônea, uma vez que isso pode fazer com que o professor ao invés de motivar o aluno, acaba desmotivando, bem como, influi em seu aprendizado, pois para alguns, o erro pode travá-los impedindo avanços, causando desmotivação. Com isso, a prática pedagógica é fundamental para o professor observar quais as dificuldades dos alunos, investindo nelas e a partir disso, fazer com que se entenda que o erro faz parte do processo de ensino-aprendizagem. Isso só é possível quando o professor se dispõe a fazer um trabalho investigativo, que possa compreender quais as dificuldades apresentadas nesse processo.

Há diversas formas de o docente influir na motivação dos discentes, contudo, não há como afirmar que uma ou outra pode ser efetivada para todos os discentes, em todos os

contextos. Elas podem influenciar positivamente a motivação e corroborar no ensino-aprendizagem, dessa maneira, é importante que o docente possa constantemente refletir e avaliar sua prática pedagógica, cujo intuito seja melhorar, fazer com que a aprendizagem seja significativa. Para Bianchi (2011, p. 24), “a possibilidade que um professor tem de mover seus alunos para aprendizagem depende em grande parte de como ele mesmo enfrenta a tarefa de ensinar”.

O início da aula é um dos momentos em que o professor pode aplicar em seu benefício no que tange a sondagem dos sujeitos da turma de maneira que possa através desse contato inicial provocá-los a querer se envolver na aula, deixando-os curiosos. A curiosidade é uma ação humana diante do novo, e o professor pode utilizá-la para conquistar a atenção, o interesse acontece quando essa atenção é direcionada e mantida em alguma coisa (TAPIA e FITA, 2015, p. 38-40).

O conhecimento prévio do aluno deve ser considerado em uma prática pedagógica motivadora. Partir do que o aluno traz consigo facilita a aprendizagem dos conteúdos, por exemplo, se há conhecimento e interesse em determinado assunto, é notório que a aprendizagem fluirá melhor. Assim afirmam Tapia e Fita (2015, p. 40)

Uma vez que o interesse depende da facilidade com que a informação se relaciona com o que já se sabe, é particularmente motivador, por um lado, o professor começar as aulas levando em conta o que seus alunos sabem sobre o tema; [...] (TAPIA e FITA, 2015, p. 40).

Dessa forma, os alunos podem compreender a importância que os conteúdos têm para a aprendizagem. É comum ouvi-los perguntar por que estão aprendendo determinado conteúdo, ou em quê/para quê isso servirá na sua vida. Sendo assim, é fundamental que o professor tenha segurança nas respostas, atente os alunos para a importância de cada conteúdo, explicitando os motivos de estudar tais temáticas.

Nas atividades propostas pelos professores, é necessário que haja motivação, dinâmica e interação. Indiscutivelmente, esses são aspectos que tornam a aula harmônica e equilibrada de maneira que se compreenda que a didática aplicada pode motivar ou desmotivar o aluno durante a aprendizagem. Nessa perspectiva,

Se nós professores, não utilizamos atividades que manifestam a importância interna da aprendizagem almejada, ou se as mensagens utilizadas indicam que o que está em jogo é sair-se bem ou mal diante dos outros, etc [...] em vez de gerar processos de

enfrentamento motivacionalmente adequados, ativam-se a ansiedade e as estratégias de enfrentamento centradas mais na consecução ou evitação de um resultado externo à tarefa – o juízo de êxito ou de fracasso que se vai receber do professor - que na própria aprendizagem (TAPIA e FITA, 2015, p. 44).

De acordo com os autores, quando o professor não faz uso de atividades que despertem internamente o desejo em aprender, que são aplicadas para afirmar se o aluno foi bem ou mal, acaba provocando uma má compreensão de que as atividades realizadas só servem para obtenção de resultado avaliativo. Na verdade, tudo o que ocorre em sala de aula com o intuito de que o aluno aprenda os conteúdos são intencionais, mas há situações em que o contexto leva a mudança de determinadas didáticas e atividades. Por isso, o professor não deve olhar os exercícios com foco no resultado, mas como um processo. E a maneira como essas atividades teóricas ou práticas são aplicadas podem ou não despertar a motivação no outro. Quanto a isso,

A motivação, como se pode comprovar, não depende só do aluno, mas também do contexto. Daí a importância de os professores avaliarem e modificarem, se preciso, a meta que suas mensagens privilegiam, já que ela define por que é relevante ao aluno fazer ou aprender o que se pede (TAPIA e FITA, 2015, p. 44).

A motivação sofre influência do ambiente da sala de aula. Nesse caso, é o professor que direciona as atividades, o que o aluno irá aprender e fazer em cada atividade, visto que todas as suas ações, sejam elas quais forem influem na motivação do aprendiz, e ao realizar uma atividade isso não é diferente. Quando os alunos não veem sentido em uma atividade, mais precisamente quando o professor não facilita e/ou os ajuda a perceber a sua importância, é comum haver resistência na realização, desmotivação ou até rejeição.

Para organizar melhor as atividades, se faz necessário que o professor equilibre o modo de realização dessas atividades, é interessante fazer atividades que os alunos interajam, contribuindo para a motivação e aprendizagem, bem como, é necessário realizar atividades em que os alunos só avançam se forem desafiados a competir. Quanto às atividades individuais, depende de como são realizadas e como são propostas. As atividades em grupo podem ser estimulantes, em que todos interagem em busca de alcançar o mesmo objetivo. Dessa forma, Piletti (2013) argumenta que:

Apesar de todas as dificuldades que precisa enfrentar, cabe ao professor manter uma atitude positiva: de confiança na capacidade dos alunos, de estímulo à participação

de todos, de entusiasmo em relação à matéria e de um relacionamento amistoso com os educando (PILETTI, 2013, p. 46).

De acordo com o autor, é visível que para haver a participação de todos, é preciso que a atividade interesse e faça com que os alunos se animem, e isso só é possível quando o contexto da sala de aula promove tal participação, assim como a atividade em si.

No ambiente também precisa ser considerado o fator interação. Esta deve acontecer entre alunos e alunos e alunos e professores, de maneira que todos possam conviver de maneira harmônica, respeitosa e colaborativa. Nesse sentido, é fundamental que a instituição educacional promova um ambiente motivador.

A motivação dos alunos se vê notavelmente influenciada pelo clima que se vive e pelo ambiente que se respira na escola, pelas normas de funcionamento, pelos valores que se depreendem da atuação dos professores individualmente e em equipe. É, portanto, muito importante que as equipes de professores sejam capazes de incidir positivamente no clima da escola criando um ambiente que favoreça o interesse pelo estudo, o esforço, a solidariedade, a ajuda mútua entre os alunos, entre professores e entre professores e alunos (TAPIA e FITA, 2015, p. 109).

Baseando-se nisso, afirmamos que o fazer pedagógico agrega todos, não é uma ação isolada do professor, é a partir da contribuição daqueles que foram à escola que essa prática pedagógica pode influenciar positivamente na motivação e aprendizagem dos alunos.

A prática pedagógica do professor motivador é aquela em que ele prioriza metodologias motivadoras, na qual sua atuação em sala de aula seja a de um sujeito que aja motivacionalmente, o que lhe cabe fazer uso de diversas estratégias de aprendizagem, as quais considerem os diferentes tipos de alunos e suas dificuldades educacionais. Além disso, é interessante que possa orientar e ensinar os alunos a aprenderem, planeje as aulas conforme a necessidade de todos, bem como, avalie a si mesmo e ao outro e assim esteja sempre buscando melhorar, pesquisando e aprendendo continuamente aquilo que se ensina. Portanto, para que haja uma prática pedagógica motivadora, é necessário que todos estejam envolvidos, pois, “sem a aprendizagem na escola, que depende de motivação, praticamente não há futuro para ninguém” (BZUNECK, 2009, p. 13).

CAPITULO III
A IMPORTÂNCIA DA AUTOESTIMA PARA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE
APRENDIZADO

A autoestima é decisiva para o processo de aprendizado, assim como a motivação, na qual ambas influenciam no aprendizado do aluno. Isso implica compreender o que é autoestima e baixo autoestima, e os demais termos que estão imbricados na autoestima. Baldissera (2010) reflete sobre esse conceito.

O que é afinal autoestima? Podemos nos referir a ela como a confiança básica que cada um tem (ou não) em si. Ela tem haver com a própria crença na capacidade de pensar, de confiar em sua habilidade em dar conta daquilo que a vida apresenta em suas exigências básicas. [...] Em outras palavras, ter a convicção de possuir um valor pessoal que dá condições de atingir suas metas, fazer suas escolhas e em suas relações com os outros poderem crer que há pessoas que gostam de si por aquilo que ela é (BALDISSERA, 2010, p. 79).

A autoestima se refere a importância que o sujeito dá a si mesmo, acreditando que ele tem valor, e a capacidade para lidar com situações adversas, confiando em si mesmo. Na autoestima há outro termo muito importante, o de autoconceito, o qual:

Inclui um conjunto amplo de representações (imagens, juízos, conceitos) que as pessoas têm sobre elas mesmas, englobando aspectos corporais, psicológicos, sociais, morais e outros. O autoconceito inclui juízos de valor (autoestima) (TAPIA e FITA, 2015, p. 78).

A autoestima é formada desde a infância, sendo caracterizada como uma construção de tudo aquilo que o indivíduo absorve ao seu respeito, refletindo assim no valor que ele tem para si mesmo, o qual julga sua competência e valor pessoal. No entanto, isso está fundamentado na autoconfiança e autorespeito, os quais estão definidos da seguinte maneira:

Autoconfiança: confiança que a pessoa tem em sua capacidade de lidar com os desafios. É ela que mostra a certeza de que a pessoa está preparada para realizar com sucesso, uma tarefa proposta. Mesmo que haja erros, a pessoa saberá identificá-los e corrigi-los. Autorespeito: é a certeza do nosso valor para o grupo, sendo assim merecedores dos sentimentos nutridos por ele (SILVA, 2011, p. 17).

Entendemos que quando o aluno confia em si mesmo, isso lhe proporciona lidar com os obstáculos acreditando que pode vencê-los. O mesmo acontece quando é submetido a uma atividade em que acredita que é capaz de fazê-la com o sucesso desejado. À medida que o

aluno respeita e confia em si mesmo, isso contribui para manter sua autoestima elevada para aprender.

Destacamos a importância da motivação no que diz respeito a autoestima, ao autoconceito, pois incidem positivamente no processo de ensino-aprendizagem, bem como, o conceito que tanto o docente, quanto discente tem sobre si próprio. Conforme Tapia e Fita (2015) aponta:

A motivação relacionada com o eu, com a autoestima. Os processos de aprendizagem incluem muitos aspectos afetivos e relacionais. Os êxitos e fracassos que obtemos vão definindo o conceito que temos de nós mesmos (autoconceito). Quando se tenta aprender e se aprende, vamos formando uma imagem positiva de nós mesmos que sem dúvida nos ajudará a realizar novas aprendizagens, já que gerará em nós uma confiança e um autoestima positiva que nos impulsionarão a seguir adiante (FITA, 2015, p. 78).

O ato de motivar-se o aluno a aprender provoca nele a sensação de capacidade. Isso contribui positivamente para que ele se coloque em contato com o aprendizado em que sua autoconfiança, bem como, autoestima estejam presentes, e sinta-se motivado para enfrentar as dificuldades, com intuito de avançar.

No tocante ao ambiente educacional, a escola é fundamental na valorização da autoestima, tanto de alunos, como de professores e os demais funcionários da instituição. A baixa autoestima resulta em muitas consequências na vida do indivíduo, onde quer que ele esteja inserido, e em relação ao aprendizado essas consequências impedem que os alunos desenvolvam suas aprendizagens de forma qualitativa. Além disso, muitas situações que o indivíduo vivencia podem ser determinantes para autoestima, algumas delas deixam marcas na pessoa, resultando em baixa autoestima e a desmotivação. A seguir, são elencados alguns pontos que contribuem e geram influências na baixa autoestima:

Insegurança: Apresenta muitas incertezas na tomada de decisões. Baixa autoconfiança: Mesmo estando em um emprego ruim, o indivíduo acha que não é capaz de mudanças para conquistar algo melhor. Possui autocrítica negativa: Não consegue ver suas qualidades apenas seus defeitos. Frustração e Intolerância: Geralmente não gosta de receber críticas, mesmo de coisas boas e, só se relaciona sendo construtivas, se abala com facilidade. Permissividade: Possui dificuldade na imposição de limites. As vezes beneficia os outros mesmo sendo prejudicado, não

consegue falar “não”. Dificuldade em aceitar elogios e vulnerabilidade emocional, dependência afetiva. Insatisfação, não se agrada com nada, se sente angustiado e ansioso extremo. Sentimento de inferioridade: Todos são melhores que ele. Necessidade de aprovação: Precisa ser sempre avaliada pelo amigo como exemplo: Como estou? Sou mais gordo ou mais magro que fulano? (ZAMPIERI; FRANCO; SOUZA; MOREIRA; FALQUEIRO, 2018, p. 4).

De acordo com tais pontos as decorrências são visíveis quando um aluno apresenta baixo autoestima no aprendizado, sendo necessário que o professor utilize estratégias para fazer esse sujeito sair dessa posição, mesmo não sendo fácil. Em determinados casos, não é imediato, mas o professor pode e deve contribuir para melhorar, ou até mesmo fazer com que o aluno internalize que é importante, além do seu próprio valor.

Muitas vezes, o professor age contraditoriamente, exercendo uma prática pedagógica que não contribui com a autoestima do aluno, o que acaba provocando o distanciamento do docente no aprendizado. Em determinadas circunstâncias, há professores que constroem o aluno quando o avalia, em vez de incentivá-lo a continuar estudando, a não desistir, ou seja, ajudá-lo, o professor ausenta-se dessa função. Faz uma avaliação negativa e o compara com os outros alunos, isso afeta negativamente a autoestima do aluno. Além disso, o professor e o aluno devem fixar que o importante é o aprendizado, mesmo que errem, a finalidade é sempre a aprendizagem, e até por meio dos erros se aprende. Isso serve de alerta para que o professor estimule a autoestima dos alunos, com palavras positivas e animadoras, de incentivo e motivacionais. Desse modo, é importante ressaltar que:

[...] mensagens que implicam uma ameaça contra a autoestima, contribuem para que os alunos não vejam as situações escolares como oportunidades de aprender, mas como ocasiões em que o que está em jogo é a própria imagem, e isso, como já assinalamos, desencadeia padrões de enfrentamento inadequados (TAPIA e FITA, 2015, p. 54).

É nessa perspectiva que devemos entender que o professor é uma referência para o aluno, suas palavras podem ajudar ou prejudicar o aluno, seja no aprendizado, ou em determinadas situações da sua vida cotidiana. Podemos dizer que o professor deve utilizar sabiamente das palavras, pois, são elas que exercem um forte poder de estímulo ou de desestímulo na autoestima do indivíduo. Ainda nesse sentido, a comparação é outro problema ligado a autoestima, sabemos que ao comparar os alunos, o juízo de valor é literalmente

ativado de maneira negativa, bem como, essas e outras situações em sala de aula afetam a autoestima, e conseqüentemente o indivíduo tem suas emoções fragilizadas.

Quando se refere a autoestima no contexto escolar, refletimos sobre a importância de propor momentos em sala de aula em que os alunos sintam -se bem para expressar suas emoções, como se sentem a respeito da sua autoestima, e como os professores podem trabalhar para melhorá-la, em um ambiente que o deixe a vontade para se colocar enquanto ser humano, o qual age também movido por suas emoções, faz a diferença na autoestima do aluno, assim como, na do professor. E é em contextos assim que o aluno pode sentir-se valorizado, não apenas pelo que o outro fala a seu respeito, mas, principalmente, pela forma que ele é tratado, pelos momentos vivenciados que realmente o fazem ser, se ver e se sentir importante para si mesmo. Portanto, é com e por meio do professor e dos profissionais da instituição escolar que se torna possível transformar esse ambiente em um estimulador da autoestima. De acordo com essa afirmação, constata -se que:

O professor e os demais profissionais de educação podem elaborar estratégias que estimulem este ambiente escolar é mais confortável, sadio e com maior aceitação dos alunos. Estas atitudes trarão como conseqüências, melhorias na qualidade de ensino; assim como, elevação da autoestima não só dos alunos, mas também dos próprios profissionais desta escola (JUNIOR, 2010, p. 21-22).

Nesse sentido, ressaltamos que todos os sujeitos envolvidos na escola têm sua parcela de contribuição de influência na motivação gerada no outro, seja esse outro aluno, professor ou qualquer outro profissional da escola. Dessa maneira, a relação entre a autoestima e a motivação efetivamente incide na aprendizagem do aluno, e seus efeitos podem variar de positivos a negativos, são efeitos que dependem de todos os sujeitos envolvidos, os quais devem buscar a valorização de si mesmo e do outro. Sem isso, se torna extremamente precário o aprendizado.

CAPITULO IV

METODOLOGIA

Este trabalho tem como metodologia a pesquisa qualitativa, mais precisamente o estudo de caso, o qual pode ser definido como:

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos, YIN, 2001).

Esse tipo de pesquisa é caracterizado por investigar como se dá determinado problema, por intermédio das experiências vividas e observações de um determinado indivíduo, ou de um grupo de indivíduos, cujo intuito é obter respostas em relação ao problema abordado, bem como, hipóteses e/ou novos conhecimentos sobre tal problema.

O estudo de caso tem características que possibilitam o pesquisador uma variedade de fontes para coletas de dados, dentre as características apresentam-se as seguintes:

- 1- Os estudos de caso visam à descoberta.
- 2- Os estudos de caso enfatizam a ‘interpretação em contexto’.
- 3- Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda.
- 4- Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação.
- 5- Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas.
- 6- Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presente numa situação social.
- 7- Os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (LÜDKE e ANDRÉ, 1996, p. 18-20).

Desse modo, há múltiplas vantagens utilizar esse tipo de pesquisa, a qual além de ser direcionada à realidade, permite a rerepresentação de diferentes perspectivas sobre uma determinada situação.

Para coleta de dados, foi utilizado como instrumento o questionário, o qual segundo Marconi e Lakatos (2017, p. 201) é “[...] constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Entre as vantagens desse tipo de instrumento, estão: “Economiza tempo; Atinge maior número de pessoas simultaneamente; Obtém respostas mais rápidas e mais precisas; Há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador” (MARCONI E LAKATOS, 2017, p. 201-202).

A pesquisa foi realizada em uma instituição pública de ensino superior, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no *Campus I*, localizada na Rua Baraúnas, nº 351, Bairro Universitário, na cidade de Campina Grande (PB). A instituição foi criada na década de 1960, era municipalizada e chamada de Universidade Regional do Nordeste (URNe), e em 1987 foi estadualizada e passou a ser chamada Universidade Estadual da Paraíba. Dentre os cursos ofertados está o curso de Licenciatura em Pedagogia, o qual dispõe de um quadro de professores efetivos, substitutos e contratados, os quais lecionam no turno diurno e noturno, bem como, lecionam também em outros cursos. Quanto aos alunos, há de toda parte do Brasil, e também de outros países. A instituição é composta por funcionários terceirizados, efetivos, contratados, sendo eles: auxiliares de serviços gerais, secretários, bibliotecários, seguranças, entre outros. Sua estrutura física está organizada em banheiros femininos e masculinos, bibliotecas, salas de aulas de acordo com cada curso, auditórios, salas de coordenação de cada curso, entre outros.

A investigação teve como público alvo uma turma do curso de Pedagogia, do 8º período, do turno diurno, constituída por 19 alunas, 17 alunas participaram da pesquisa, o que contabiliza mais da metade do número de sujeitos necessários para que essa pesquisa fosse concretizada. Por questão de preservar a identidade dos sujeitos, apontaremos seus posicionamentos denominando-os pelas letras do alfabeto em sequência: A, B, C, D, e assim sucessivamente.

A aplicação do questionário (com 8 questões abertas) foi no início do segundo semestre de 2019, no qual o responsável pela pesquisa passou todas as informações devidas a respeito da investigação, explicando e pedindo a colaboração desses sujeitos para contribuírem com esse estudo. Após todos os sujeitos responderem o questionário e devolverem, foi possível fazer a análise de acordo com as teorias estudadas, permitindo assim que os resultados pudessem ser discutidos.

No capítulo seguinte, explanaremos as questões elencadas no questionário, esboçadas em quadros com algumas respostas que se destacaram em nossas análises.

Para analisar as respostas dos sujeitos envolvidos utilizamos como aporte teórico que comprovassem as análises, autores como: Tapia e Fita (2015); Avelar (2015); Oliveira (2017); entre outros.

CAPITULO V RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa na instituição de ensino superior permite-nos analisar a formação docente, principalmente no seu aspecto de formação inicial. Para isso, a motivação e autoestima desses sujeitos irão refletir na sua prática pedagógica no ambiente escolar, visto que ambas fazem parte de um longo processo, o qual inicia antes mesmo do egresso no ensino superior. A funcionalidade da pesquisa proporciona-nos enfatizar a importância da motivação e da autoestima como elementos fundamentais para formação do sujeito, sendo trabalhadas desde a infância.

Ao observar como esses sujeitos se sentem diante do processo de ensino e aprendizagem, alguns questionamentos surgiram a partir de então, os quais podem ser apresentados e discutidos através dos resultados que foram obtidos. Para uma melhor apresentação dos resultados e das discussões utilizamos 11 quadros, os quais apresentam os dados correspondentes às respostas das alunas, contendo também alguns discursos que se destacaram e possibilitaram nossas discussões.

A primeira pergunta realizada às alunas foi se elas “se sentem motivadas ou desmotivadas durante o processo de ensino-aprendizagem? Por quê? ”. As respostas para essa questão estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1: Motivação e processo de ensino – aprendizado

Motivada	9 alunas
Desmotivada	3 alunas
Mais ou menos	2 alunas
Não houve clareza na resposta	3 alunas

Fonte: Dados da pesquisa

A maioria das alunas se sentem motivadas para aprender, ou seja, o ensino-aprendizagem, na maioria das vezes, é tido como motivador para o aluno. Os fatores que levam o indivíduo a se sentir motivado ou desmotivado durante o processo de ensino-aprendizagem são muitos, e podem ser diferentes entre si ou não.

Destaca-se, ainda, a falta de motivação de algumas alunas, entre as principais causas está a metodologia do professor, na qual se destacam as seguintes respostas:

Quadro 2: Discursos sobre a motivação e desmotivação

Aluna A	Quando a metodologia do professor é positiva, inovadora que desperta a busca pelo conhecimento me sinto bastante motivada, porém quando a aula é dirigida de forma autoritária não tem contribuições para o aprendizado então sinto uma desmotivação em aprender.
Aluna B	Muitas vezes a prática docente, e a metodologia utilizada pelos professores não motiva, causando frustrações durante o processo.
Aluna C	Minha motivação ou desmotivação durante o processo de ensino-aprendizagem depende da metodologia e do professor em sala de aula.

Fonte: Dados da pesquisa

A desmotivação nesse processo é em grande parte resultado da falta de um ensino cujo objetivo seja fazer com que o aluno aprenda. Desse modo, a metodologia do professor é um fator que incide diretamente na motivação dos alunos, pois, dependendo de como o professor realiza suas aulas pode estimulá-los ou não para aprender. De acordo com Tapia e Fita (2015) o professor deve utilizar-se de metodologias como:

[...] o ensino expositivo e a aprendizagem de recepção, o estudo dirigido, a aprendizagem por descobrimento guiado e a aprendizagem autônoma. Em cada momento deveremos utilizar a metodologia que nos pareça mais direta, mais eficaz ou mais enriquecedora e, sobretudo, mais motivadora (TAPIA e FITA, 2015, p. 111).

É através de uma metodologia motivadora que o professor pode influenciar positivamente na motivação de seus alunos. Por mais que haja outros fatores que influenciam, a metodologia aplicada busca fazer com que o aluno aprenda utilizando métodos de ensino que os envolvam, tornando-se atrativo o ato de aprender, resultando na motivação dos alunos.

Outra pergunta realizada foi: “O que te motiva a aprender?” A maior parte das alunas respondeu serem razões intrínsecas, as quais satisfazem uma necessidade pessoal. Um dos principais motivos observados é o de querer ser um profissional que possa contribuir com a educação, ou seja, o desejo de mudar a realidade que vivemos. Dentre alguns motivos, temos os seguintes:

Quadro 3: Motivação para aprender

Aluna B	O desejo de mudança de vida e acreditar que a educação transforma as pessoas para melhor.
Aluna D	É justamente a minha meta de ser um profissional de sucesso e fazer a diferença dentro da educação.
Aluna E	O que mais me motiva a aprender é o desejo de alcançar os meus objetivos e para a conquista do mesmo preciso aprender.

Fonte: Dados da pesquisa

A motivação intrínseca é fortemente observada nos indivíduos adultos, uma vez que cada um vê-se motivado por distintas metas. No entanto, alguns indivíduos podem apresentar em comum, motivos semelhantes diante do aprendizado, porém, a motivação extrínseca também se faz presente nesses indivíduos. Notavelmente, as respostas dos alunos confirmam que cada um tem seus motivos, principalmente pessoais que os impulsionam a aprender, motivos que configuram um sentido particular para suas aprendizagens. Conforme Oliveira (2017, p. 222), “O indivíduo adulto já possui um acúmulo de experiências de vida e na maioria das vezes vê sentido naquilo que ele possa aplicar no seu dia a dia”. Nessa perspectiva, são essas experiências de vida que podem influenciar na motivação, o que cabe ao docente considerá-las ao motivar seus alunos, e, além disso, fazer com que a aprendizagem seja significativa, na qual o aluno possa positivamente atribuir-lhes diversos sentidos.

A partir das respostas das alunas, outros motivos são salientados, tais como: a descoberta pelo novo; o interesse e envolvimento com o conteúdo a ser estudado. É preciso

que os professores analisem o modo como abordam o conteúdo e as estratégias que utilizam para fazer com que o aluno aprenda. É importante considerar os conhecimentos prévios, e utilizar diferentes elementos para despertar a curiosidade, assim como, incorporar o conteúdo, tornando-o atraente, interessante e significativo (TAPIA e FITA, 2015, p. 39-40).

Outro questionamento feito: “o ambiente de sala de aula é motivador ou desmotivador? Por quê? ”Comprovamos que a grande maioria respondeu ser um ambiente desmotivador, como mostra o Quadro 4:

Quadro4: Ambiente da sala de aula

Motivador	3 alunas
Desmotivador	8 alunas
Motivador e Desmotivador	2 alunas
Não considera que o ambiente influencia na motivação	2 alunas
Depende	2 alunas

Fonte: Dados da pesquisa

Sabemos da importância do ambiente externo para a motivação e o Quadro 4 reforça a necessidade de repensar o quanto a sala de aula tem sido um espaço desmotivador para muitos alunos, o que não deveria ser comum nas instituições de ensino superior, sejam elas quais forem, pública ou privada. Entendemos que para o indivíduo adulto, o ambiente não é tão influenciável como para uma criança, mas a ausência de um ambiente motivador pode desmotivar o aluno, principalmente aqueles que se sentem desmotivados por outros fatores.

Algumas respostas apresentadas para afirmar que o ambiente de sala de aula é desmotivador foram: as condições físicas do ambiente, em termos de estruturas, bem como, a maneira como o (a) professor (a) organiza e ministra sua aula. Dessa forma, observamos alguns discursos:

Quadro 5: Discursos sobre o ambiente da sala de aula

Aluna E	[...] frequentamos diariamente um ambiente que não inspira ideias, que não auxilia na motivação, a estrutura do prédio, a acústica, as cadeiras, bem como o deslocamento do percurso sala de aula é banheiro, não possibilitam um acesso rápido,
----------------	--

	contudo quando preciso se ausentar durante a aula, a perda do raciocínio da aprendizagem é constante.
Aluna F	Porque depende do que iremos aprender, como esses conhecimentos são aplicados na sala [...]
Aluna A	[...] depende muito do professor fazer da sala um ambiente motivador, acredito que na sala como um instrumento do professor que dependendo de tal, pode ser motivador ou desmotivador.

Fonte: Dados da pesquisa

É evidente que nesses discursos dois pontos essenciais são ressaltados: a estrutura física do ambiente e o sentido que o professor emprega a ele, os quais fazem do ambiente de sala de aula motivador ou desmotivador. Sem dúvidas, o ambiente é o meio físico, mas também é o que fazemos dele, à medida que ressignificamos o espaço que vivemos. O mesmo acontece na sala de aula, e o professor juntamente com os alunos devem ter autonomia para adequar esse ambiente de acordo com suas necessidades, conforme favoreça o ensino-aprendizagem. Nesse sentido, de acordo com Tapia e Fita (2015, p. 14), “Os alunos não estão motivados ou desmotivados abstratamente. Estão motivados ou não em função do significado do trabalho que têm de realizar [...]”. Portanto, é muitas vezes por meio das ações, e significados que o professor agrega ao aprendizado que esse ambiente de sala de aula poderá contribuir ou não com a motivação do aluno.

O processo de formação superior está voltado não apenas para profissionalização, uma vez que entendemos-o enquanto formação inicial na carreira do docente, tendo como relevante papel fazer da prática pedagógica como estímulo para os alunos que já estão lecionando e os que ainda irão lecionar. A partir dessa afirmação fizemos a seguinte pergunta às alunas: “Alguma prática pedagógica lhe motivou ou desmotivou durante o curso? Descreva”, e a maioria das alunas responderam que “Sim”, com exceção de duas que responderam “Não”, ou seja, a prática pedagógica dependendo de como é realizada motiva ou desmotiva o aluno. A esse respeito, determinadas descrições feitas pelas alunas destacam diferentes práticas pedagógicas que as motivaram e desmotivaram durante o curso, evidenciamos dois discursos opostos:

Quadro 6: Práticas pedagógicas docentes

Prática pedagógica motivadora(Aluna G)	[...] toda aula ela fazia questão de mostrar a importância dessa profissão tão linda e o quanto importante e essencial é estarmos sempre estudando e aprimorando nossos conhecimentos. Ela contava exemplos de sua prática como professora no ensino fundamental, tanto nos pontos que ela acertou, quanto nos que ela errou, ressaltando que não deveríamos nos culpar por algo de “errado” que façamos em nossa prática em sala de aula, porque antes de acertar, vamos errar muito. E essas palavras dela levarei sempre comigo, com o intuito de sempre estar refletindo sobre minha prática e melhorando nos pontos necessários.
Prática pedagógica desmotivadora (Aluna H)	A postura de alguns professores é desmotivante sua prática foge da sua realidade, ou seja, não vivem e não fazem o que fala e ensinam como o ditado popular “faça o que falo e não faça o que faço” [...]

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com estas descrições, torna-se explícito que a prática pedagógica motivadora é aquela que instiga o aluno, que ao descrevê-las os alunos demonstram a contribuição da referida para sua formação o quanto foram motivados ao longo dessas aulas. Com isso, é visível que para o aluno é imprescindível um professor que o estimule, cujo objetivo seja fazer com que ele obtenha sucesso no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a sua busca por novos conhecimentos (AVELAR, 2015, p. 81). Em contrapartida há práticas pedagógicas que são desmotivadoras, o que não cabe-nos julgá-las, porém, é necessário que o (a) professor (a) reveja sua prática pedagógica afim de aprimorar-se cada vez mais. O professor é um dos modelos que o aluno costuma espelhar-se, sua prática influencia na motivação de seus alunos.

É inquestionável a importância e a necessidade da motivação para o processo de ensino-aprendizagem, sem ela não há possibilidade alguma do ensino e aprendizado fluir satisfatoriamente. Com base nisto, fizemos a seguinte pergunta as alunas: “Para você qual a importância da motivação para o processo de ensino-aprendizagem? ”, e dentre todas as respostas frisamos:

Quadro 7: A importância da motivação para o ensino e a aprendizagem

Aluna I	A motivação entendida como mola propulsora que impulsiona e mantém o indivíduo a começar e permanecer na tarefa é de extrema importância principalmente na aprendizagem.
Aluna B	É um dos princípios que norteiam o ensino e o torna mais significativa a aprendizagem.
Aluna E	A motivação é de extrema importância pelo simples fato do desenvolvimento da aprendizagem, uma vez que um aluno desmotivado não produz e não consegue se capacitar o suficiente para ser um aluno e reflexivo.
Aluna H	A motivação é de suma importância, pois quando somos motivados, somos instigados a continuar na trajetória e fazemos entender o quanto é importante aprender e fica mais fácil de assimilar o que está sendo explanado, explorado e proposto.

Fonte: Dados da pesquisa

Segundo as respostas das alunas é nítido que a motivação tem sua importância enaltecida, assim como, reconhecem que ela é necessária não apenas por fazer o indivíduo iniciar uma atividade, como também permanecer nela, ou seja, faz-se necessária antes e durante a atividade, a finalidade não é apenas de concluí-la, mas de sentir prazer ao fazê-la, e isso implica estar motivado. No entanto, cada aluno vai reagir a atividade, ao conteúdo, ou a metodologia do professor de modo diferente uns dos outros, pois para os seres possuem distintos fatores que podem incidir positivamente ou negativamente na motivação. De acordo com isso, compreende-se que a interação do aluno com a atividade é um dos fatores internos importantes, a maneira como encaram as diferentes tarefas e suas dificuldades, bem como, os fatores externos tais como a própria prática do professor (TAPIA e FITA, 2015, p. 58).

A motivação para aprender está também diretamente relacionada com a interação entre os indivíduos envolvidos nesse processo, tanto professor-aluno, quanto aluno-aluno. O tipo de relação que é estabelecida entre eles é determinante para que se sintam motivados ou desmotivados a aprender. Diante dessa questão as alunas foram interrogadas: “De que a interação entre você e seus professores, bem como, entre você e seus colegas de turma

incidem na sua motivação para aprender? ”. Por meio das respostas apontamos dois discursos que refletem essa perspectiva:

Quadro 8: Influência da interação na motivação para aprender

Aluna J	De maneira satisfatória, pois motiva-nos para está em sala e a vir para o ambiente com alegria.
Aluna G	A interação para mim é um dos pontos essenciais para me sentir motivada, porque ao ouvir o relato de uma experiência (seja do professor ou de um colega, eu sinto estimulada para colocar minha experiência diante de determinada temática, o que me motiva a ler mais e pesquisar mais.

Fonte: Dados da pesquisa

Esses discursos afirmam que uma boa interação na sala de aula favorece a motivação do aluno, a troca de experiências pode ser estimulante, a partir do momento que cada aluno, até mesmo o professor que relata suas experiências proporciona um ambiente em que todos sentem -se seguros para se expressarem, e aumenta a curiosidade e interesse ao ouvir o outro, esse exercício de ouvir e ser ouvido é fundamental para motivação. O contexto deve estar relacionado.com a interação entre todos, a qual possibilitará contribuir para motivar ou desmotivar o aluno no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem (AVELAR, 2015, p. 79).

A autoestima caminha junto com a motivação, se tornando essencial no processo de ensino-aprendizagem. A ausência de uma ou de outra gera determinadas dificuldades que interrompem esse processo, por exemplo, aquele aluno que se sente incapaz, desacreditado do seu valor, possivelmente não se sentirá motivado intrinsecamente para aprender, embora, com a ajuda de um professor que o motive e o faça sentir-se capaz isso pode contribuir para sua autoestima. Também perguntamos as alunas: “Quanto ao processo de aprendizado você apresenta uma autoestima ou baixo autoestima? Por quê? ”, e visualizamos as seguintes respostas:

Quadro 9: A autoestima e baixo autoestima no processo de aprendizado

Autoestima	10 alunas
Baixo autoestima	3 alunas
Depende	2 alunas
Não houve clareza na resposta	2 alunas

Fonte: Dados da pesquisa

Com isso, vemos que a maioria das alunas apresenta-se com uma boa autoestima no processo de aprendizado, o que favorece suas aprendizagens. Nesse sentido, podemos afirmar que o aluno com autoestima se depara com o conhecimento a ser aprendido com outra visão, isso permite-lhe encarar a aprendizagem acreditando em si mesmo, o que lhe promoverá boas contribuições para o seu próprio aprendizado. Desse modo, em alguns discursos, as alunas ressaltam como se sentem ao apresentarem autoestima e baixo autoestima:

Quadro 10: Discursos sobre a autoestima e baixo autoestima

Aluna L	Porque só de saber que sou capaz de estar em uma universidade pública me deixa bem feliz.
Aluna M	Porque sempre coloco meus estudos como algo importante, dando valor e confiança da minha capacidade para enfrentar os desafios da vida.
Aluna J	Um dos fatores para minha baixa estima é a comparação que alguns professores fazem com nós alunos, enaltecendo apenas um, me sinto inferior é como se eu não fosse capaz de fazer um trabalho tão bom quanto as demais colegas, principalmente em seminários, sempre termino a apresentação com a sensação de que fui péssima, mesmo estudando os conteúdos é como se não tivesse nada e me sinto triste comigo mesmo.
Aluna I	Muitas vezes alguns professores nos colocam pra baixo.

Fonte: Dados da pesquisa

A partir dos discursos, percebemos que enquanto as alunas que apresentaram uma autoestima, isso as torna confiantes, e se veem capazes para enfrentarem desafios no tocante ao seu aprendizado, até mesmo em diversas situações da vida. Para as alunas que afirmaram

apresentarem uma baixa autoestima no aprendizado, entre as causas citadas, está a comparação que o professor faz entre os alunos, e aquilo que ele diz pode muitas vezes contribuir para o aluno apresentar uma baixa autoestima diante do ato de aprender. Portanto, é necessário que o professor evite atitudes como esta, pois caso contrário só irá prejudicar a estima do aluno, e acarretar-lhe resultados negativos para suas emoções (TAPI e FITA, 2015, p. 57).

Há muitos fatores que influenciam na autoestima, o próprio contexto que o indivíduo está inserido é um deles. Dependendo do que ele recebe do meio externo, pode sentir sua autoestima elevada, ou sentir uma baixa autoestima, assim compreende-se que a motivação é fundamental para autoestima, do mesmo modo o inverso. Com relação a isso, perguntamos: “Quais fatores influenciam na sua autoestima para aprender? ”, e a partir das respostas obtidas, destacamos:

Quadro 11:Fatores que influenciam na autoestima para aprender

Aluna E	Os fatores que influenciam na minha autoestima é a vontade de vencer e fazer valer a pena todo esforço, bem como se sentir realizada.
Aluna C	O fator que influencia na minha autoestima para aprender é ter uma boa convivência com os colegas e professores na sala de aula.
Aluna B	Um dos principais fatores seria a relação professor/aluno, uma vez que se têm uma relação boa entre ambos, como também com a turma.

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme os discursos supracitados são visíveis que os fatores que influenciam na autoestima do indivíduo, variam de um indivíduo para outro. Entre os principais fatores que influenciam a autoestima para aprender estão: “[...] o desempenho escolar, o número de horas de permanência na escola em contato com professores e colegas, o tipo de experiências que vivenciam com eles, a estrutura e a qualidade da escola, o ambiente em sala de aula” (JUNIOR, 2010, p. 13-14). Nessa perspectiva, um dos fatores citados pelas alunas é a relação entre o professor, e entre os próprios colegas de turma. É primordial estabelecer uma boa convivência entre os alunos, uma relação que priorize a afetividade durante o processo de ensino-aprendizagem, isso contribuirá para autoestima do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino-aprendizagem depende principalmente da motivação dos alunos, e dos professores, não se pode desvincular essa relação entre o que o motiva a ensinar e a aprender, e como isso é realizado na prática. A prática do docente reflete suas motivações internas e/ou externas, sendo que tal prática tem como consequência a influência na motivação de seus próprios alunos, o que importa é fazer dessa prática motivadora, construtiva e significativa.

A ausência de motivação nas instituições de ensino causa sérios danos à formação do indivíduo, pois, sem motivação é impossível um ensino e aprendizado, não há possibilidades de ensinar e de aprender se concomitantemente não há nada que motive esses sujeitos, são necessários motivos que os movam a essas ações. Portanto, compreende-se que a motivação é um fator fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

No tocante ao trabalho do professor em sala de aula, torna-se cada vez mais exigido um ensino que valorize os aspectos motivacionais, os quais estão relacionados às motivações pessoais de cada um, e também ao contexto que vivenciam, sendo este caracterizado, principalmente, pela maneira como o professor realiza suas aulas, ou seja, cabe ao professor cuidar da motivação de seus alunos, no sentido de que diariamente é por intermédio dele que grande parte dos alunos irão se sentir motivados ou desmotivados para aprender.

A falta de interação ocasiona problemas na motivação. É através da relação com o outro que nos sentimos mais motivados, a troca de conhecimentos, a construção de novos saberes só podem ser proporcionados quando o sentimento de capacidade e de valorização parte de si mesmo, como também de uns para os outros. De acordo disso, vemos que outro fator de influência na motivação é a autoestima, a qual tem como uma de suas contribuições motivar o aluno, fazendo com que este se sinta confiante e capaz diante do aprendizado.

A importância da motivação abrange não apenas o ensino e aprendizado, mas é requerida nos demais âmbitos da vida do ser humano. Nenhum sujeito pode realizar alguma atividade se não é estimulado a realizá-la, uma parte de nós mesmos nos desmotivamos por meio de palavras, atitudes que denigrem o nosso próprio eu, o que resulta em uma baixa autoestima, e conseqüentemente implica na motivação para aprender.

O papel do professor na motivação de seus alunos é extremamente importante. Se faz necessário reavaliar sua prática constantemente, de modo que possa refazê-la a fim de transformar o ambiente de sala de aula em motivador, promovendo aos alunos uma familiaridade com os conteúdos estudados, entendendo a sua significância para o amplo contingente da vida que o circunda. Além disso, através de aulas estimulantes percebe-se a empolgação, empenho e disposição para aprender, o interesse e a curiosidade são instigados, levando o aluno a buscar e a querer aprender.

No âmbito do ensino superior, deve-se manter o ritmo de continuar motivando os alunos, o que diferencia é que são indivíduos adultos, mas não se pode isentá-los da motivação, seja em que etapa do ensino, o indivíduo esteja ele deve ser motivado, incentivado, e sobretudo ver-se como um ser capaz, já que a incapacidade é a falta de acreditar em si mesmo, portanto, todos são capazes de aprender, porém, nem todos acreditam em si mesmos. Sendo assim, o aluno que se ver/sente dessa forma é essencial ter um professor que o faça sentir-se capaz, acredite nele, quando ele mesmo não é capaz de fazer isso.

A motivação e autoestima são decisivas para o processo de ensino-aprendizagem, tanto que quando a prática pedagógica é motivadora influencia positivamente na motivação dos alunos. Entretanto, algumas variáveis as perpassam, sejam os aspectos intrínsecos ou extrínsecos, mas há sempre algo que nos motiva, que nos faz acreditar no nosso potencial, e é esse algo que favorece o ensino e o aprendizado. A cada novidade e desafios que nos são impostos, a segurança ou insegurança em nós mesmos para encará-los são determinantes, o mesmo acontece quando ensinamos e aprendamos, somos provados quanto a nós mesmos e ao outro, e essa relação é indissociável para a motivação.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Alessandra Cândida. **A motivação do aluno no contexto escolar**. Anuário de produções acadêmico -científicas dos discentes da Faculdade Araguaia, 2015. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.faculdadearaguaia.edu.br/sipe/index.php/anuario/article/download/271/244&ved=2ahUKEwigh-zHqszkAhWXGbkGHadpBeUQFjABegQICBAG&usg=AOvVaw2OVJR4Z7Uqgm4TFXxj3of4&cshid=1568327320987>>. Acesso em: 30 de junho de 2019.

BALDISSERA, Deolino Pedro. **Navegando em reflexões sobre a vida**. 1. ed. São Paulo: Brasil, 2010.

BIANCHI, Sara Rebecca. **A importância da motivação na aprendizagem no ensino fundamental**, 2011. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.academia.edu/8184805/Trabalho_motiva%25C3%25A7%25C3%25A3o&ved=2ahUKEwjG3bSc1djkAhXIibkGHX3kAD8QFjAFegQICRAB&usg=AOvVaw0-d8msYbNxi3LeP1cAIAOK&cshid=1568751145368>. Acesso em: 01 de julho de 2019.

BORUCHOVITCHI, Evely; BZUNECK, José Alonso (Org.). **A motivação do aluno: contribuições da Psicologia contemporânea**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CURY, Augusto Jorge. **O mestre da sensibilidade:** Jesus, o maior especialista no território da emoção. Vol. 2: Análise da Inteligência de Cristo 2. São Paulo: Ed. Academia de Inteligência, 2000.

DIREITO, Lado. **Princípio da alteridade.** Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.blogladodireito.com.br/2016/06/principio-da-alteridade.html&ved=2ahUKEwiYgqGa1dDkAhWkB9QKHXCvAQcQFjAPegQICxAB&usg=AOvVaw3hMxYE2r17ivcVMYbE44FO>>. Acesso em: 30 de junho de 2019.

ENGELMANN, Erico. **A motivação de alunos dos cursos de artes de uma universidade pública do norte do Paraná,** 2010. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.uel.br/pos/mestrado/images/stories/downloads/dissertacoes/2010/2010%2520-%2520ENGELMANN,%2520Erico.pdf&ved=2ahUKEwil-fmp0djkAhVfHLkGHdBBCRsQFjABegQIARAB&usg=AOvVaw2L6nDA8eiOiXCmaFRuLNlr>>. Acesso em: 01 de junho de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho:** ensinar-e-aprender com sentido. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

JUNIOR, Plácido Ferreira Lopes. **A autoestima e sua influência no espaço escolar, com a atuação dos orientadores educacional e pedagógico,** 2010. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T205693.pdf&ved=2ahUKEwiZ3dqwrczkAhV3ILkGHXbICjsQFjAAegQIAhAB&usg=AOvVaw3MMoedxQz1w0zCXAR3V27>. Acesso em: 09 de julho de 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli, E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1996.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

OLIVEIRA, Êmila Silveira de. **Motivação no ensino superior:** Estratégias e desafios. Revista Contexto & Educação, v. 32. n. 101. Editora Unijuí, 2017. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/5924/5357&ved=2ahUKEwiVyK-E2dDkAhU_GbkGHZO6CDcQFjABegQICBAK&usg=AOvVaw3A74qZOLoXdW_Kx9h5c6Qy&csid=1568477289033>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

PILLETI, Nelson. **Aprendizagem:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Daniele Araújo da. **A importância da (re) construção da autoestima para a alfabetização de alunos com defasagem idade-série.** Brasília, 2011. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1716/1/2011_DanieleAraujodaSilva.pdf&ved=2ahUKEwjL5_2ns8zkAhW7ILkGHZ8vAe4QFjAAegQIAhAB&usg=AOvVaw0eapNWCWdHEgCrEYtDzY8a&cshid=1568329589554>. Acesso em: 09 de julho de 2019.

SILVA, Geruza Barbosa da. **O papel da motivação para a aprendizagem escolar**. João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9644/1/PDF%2520-%2520Geruza%2520Barbosa%2520da%2520Silva.pdf&ved=2ahUKEwiAkYPn4c7kAhXxILkGHbEfCOAQFjACegQIBRAB&usg=AOvVaw10LN664L9A7pl8jAEhDAE2>. Acesso em: 30 de junho de 2019.

TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturra. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookmark, 2001.

ZAMPIERI, Margarete Fátima de Oliveira; FRANCO, Magda Aparecida de Oliveira; SPUZA, Zildene Megda de; MOREIRA, Andrea do Espírito Santo; FALQUEIRO, Ana Maria de Lima. **Autoestima e aprendizagem**. V CONEDU, 2018. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD1_SA18_ID7789_07092018191330.pdf&ved=2ahUKEwjRoKyc4M7kAhUTA9QKHZdmBEwQFjABegQIBxAG&usg=AOvVaw0q9rkxpD_Wd4Xs5u5d5gzB&cshid=1568410391597>. Acesso em: 28 de junho de 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

QUESTIONÁRIO SOBRE A MOTIVAÇÃO E AUTOESTIMA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

QUESTÕES:

- 1- Você se sente motivado ou desmotivado durante o processo de ensino-aprendizagem? Por quê?
- 2- O que te motiva a aprender?
- 3- Para você, o ambiente de sala de aula é motivador ou desmotivador? Por quê?

- 4- Alguma prática pedagógica lhe motivou ou desmotivou durante o curso? Descreva-a.
- 5- Para você, qual a importância da motivação para o processo de ensino-aprendizagem?
- 6- De que forma a interação entre você e seus professores, bem como entre você e seus colegas de turma incidem na sua motivação para aprender?
- 7- Quanto ao processo de aprendizado, você apresenta uma autoestima ou baixa autoestima? Por quê?
- 8- Quais fatores influenciam na sua autoestima para aprender?